

Igatu: uma aula de história a céu aberto

Gaudêncio Amorim



A viagem que fiz à chapada diamantina (Ba) em março de 2020, chamou-me atenção a riqueza histórica e arquitetônica da Vila Igatu, é claro, sem demérito para Mucugê, Lençóis, Andaraí, Morro do Chapéu e tantos outros municípios, cujos raros

patrimônios compõem a região da chapada.

De acordo com publicação do IPHAN, Igatu é distrito do município de Andaraí e foi tombado por este órgão em 2000. A cidade também é conhecida como Xique-Xique do Igatu (diferente da cidade de **Xique-Xique** ' outro município baiano localizado à margem direita do Rio São Francisco que abriga um porto de grande importância para economia da região. Sua população, conforme estimativas do IBGE de 2019, era de 46 483 habitantes e o seu nome refere-se ao cacto xiquexique, muito comum na região) e Cidade de Pedras. O tombamento abrange as ruínas de habitações



de pedra localizadas entre a ponte sobre o rio Coisa Boa e a margem esquerda em direção à trilha do antigo garimpo local. O núcleo original de fundação, datado de meados do século XIX, encontra-se em ótimo estado de conservação e o perímetro tombado possui, aproximadamente, 200 imóveis, porém menos de 300 pessoas vivendo

ali, a maioria de cor mosqueada, outras negras, denotando descendência escrava que, no



ciclo do ouro serviam aos barões, muito antes das lutas do campestre envolvendo o

coronel Horácio de Matos, o personagem de maior destaque na Chapada Diamantina.

Caminhando pelas ruínas da vila, João de Souza e eu (acompanhado pelas nossas esposas,



Sulene e Luzinete) tivemos a impressão de caminhar pelas estradas reais de escoamento do ouro da região, embora tenhamos transitado por elas, estreitas e totalmente construída de pedras. Tínhamos a nítida sensação de sermos personagens de um filme de época, e não os turistas circunstanciais embevecidos pela riqueza escultural do lugar e as ruínas que nos introjetava à mente o paradoxo da riqueza e da pobreza encontrado nos cenários de garimpo, como muitos localizados em Mato Grosso, embora sem as



ruínas de pedras como ali, inclusive Poxoréu, para onde muitos daqueles garimpeiros anônimos encontraram guarida.

Encravada entre afloramentos rochosos, ruínas históricas, rios e cachoeiras, Iguatu possui um casario histórico do século XIX, construído com pedras e resquício da época da mineração do diamante na região. Por esta sua característica, o distrito é conhecido como a "Machu Picchu Baiana", em uma referência à histórica cidade peruana de pedra. Além



da arquitetura do seu traçado e de bens com valor individual, o tombamento destacou as ruínas históricas existentes ao redor do núcleo urbano construídas pelos garimpeiros que trabalhavam na localidade.

Utilizando as trilhas dos índios, a mão de obra escrava, e construindo novos caminhos, os garimpeiros reviraram quase totalmente a Serra do Sincorá, transformando a região em um dos

lugares mais ricos do mundo. As tocas e ranchos dos primórdios começaram a conviver com grandes casarões coloniais, que abrigavam os barões do diamante na fase de esplendor, inclusive chama atenção o Cemitério Bizantino com características idênticas a de Mucugê, logo à frente de Andaraí.

No passado - próspera e populosa - chegou a ter mais de dez mil habitantes. No entanto, com o declínio da atividade diamantífera na região, entrou em decadência e a maioria da população deixou o lugar em busca de melhores condições de vida. A vila ficou vazia, com casas e comércios abandonados. Apesar das dificuldades, algumas pessoas



resistiram e permaneceram no lugar. Progressivamente, Igatu voltou a se desenvolver e se destacar na Chapada Diamantina.

Atualmente, atrai visitantes de todo o mundo e o turismo é sua principal atividade econômica. Abriga cerca de 380 habitantes, em sua maioria filhos do garimpo de diamantes. A vila é um local propício ao turismo histórico-cultural, além do turismo de natureza e de aventura, e também é conhecida por ser a terra natal do escritor Herberto Sales que imortalizou o coronel Aureliano Gondim em seu romance *Cascalho*. Como ocorreu em todo o Nordeste, o coronelismo influenciou a vida e os costumes da sociedade do município.